



Resenha

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2026v52id6359>

FRANS KRAJCBERG: A NATUREZA COMO CULTURA

Adriana Teixeira de Lima¹

E-mail: adrianalima.unip@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9100-3656>



MEIRELLES, João. **Frans Krajcberg**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2024. 376 p.

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil.

O escritor e ambientalista João Meirelles Filho apresenta a biografia do artista *Frans Krajcberg*, na obra *Frans Krajcberg: a natureza como cultura*, artista cuja trajetória é indissociável da defesa intransigente da natureza. Trata-se de uma primeira edição resultado de pesquisa documental, de entrevistas e de levantamento de acervos nacional e internacional. A obra articula texto e imagem em uma narrativa que, em diversos momentos, transcende o registro biográfico, configurando-se como um estudo sobre a arte ecológica e a ética ambiental no século XXI.

Meirelles (2024, p. 32) propõe compreender a floresta como “fonte inesgotável de cultura e chave para a sobrevivência da espécie humana”, ou seja, ela dá sentido às atividades humanas e nos faz questionar o sentido do que fazemos. “A arte de Krajcberg não é contemplativa, mas insurgente, pois transformou a indignação das queimadas em sua ética-estética e o levou a assumir-se como um ativista ambiental” (Meirelles, 2024, p. 224).

A obra, organizada em trinta e quatro capítulos, desenvolve-se a partir de diferentes eixos temáticos interligados. Nos capítulos iniciais, Meirelles (2024) aborda a origem de Krajcberg, sua experiência durante a Segunda Guerra Mundial e os processos de deslocamento e exílio que marcaram sua trajetória na Europa. Esse percurso é relevante para esta pesquisa na medida em que evidencia as bases éticas e existenciais que atravessam sua produção artística.

Em um segundo conjunto de capítulos, Meirelles analisa a chegada do artista ao Brasil e seu encontro com as florestas tropicais. Nesse contexto, a natureza deixa de ser apenas paisagem e passa a constituir-se como elemento estruturante de sua obra, permitindo compreender a natureza como dimensão formativa e não apenas como recurso ou cenário.

Os capítulos subsequentes tratam da consolidação da linguagem artística de Krajcberg, destacando o uso de material proveniente da devastação ambiental. A transformação de resíduos naturais em obra evidencia uma estética marcada pela denúncia e pela resignificação.

Nos capítulos finais, o Meirelles (2024) situa Krajcberg no campo da arte contemporânea e das discussões ambientais globais, destacando seu papel como precursor da arte ecológica e seu legado material e imaterial. O uso de documentação inédita e fontes primárias, como correspondências e registros de viagem, confere densidade à análise e contribui para a revisão de interpretações anteriores sobre o artista, aspecto que fortalece o referencial teórico desta investigação.

A recuperação historiográfica da trajetória de Krajcberg, sustentada por fontes documentais, constitui um avanço para os estudos sobre o artista, oferecendo bases para investigações no campo educacional. No entanto, em determinados momentos, a narrativa tende a privilegiar uma leitura da trajetória do artista sem problematizar situações históricas e sociais contraditórias que o artista enfrentou.

Além disso, embora o livro estabeleça diálogos com a temática ambiental de forma consistente, não há exploração das implicações pedagógicas dessas reflexões, especialmente no contexto da educação escolar.

Apesar dessas questões, a obra evidencia a potência da arte para propiciar experiência estética e ecológica. Ao reafirmar o legado de Krajcberg como artista comprometido com a defesa da natureza, o livro contribui para a compreensão de aspectos educativos da arte desse artista.